



**PRIMEIRO
MINISTRO**

**ALOCUÇÃO DE SUA EXCELÊNCIA O PRIMEIRO-MINISTRO DA
REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DE TIMOR-LESTE, KAY RALA XANANA
GUSMÃO, NA REUNIÃO MINISTERIAL g7+, NO TOGO**

Togo

29 de Maio de 2013

S. Exa. Sr. Kwesi Ahoomey-Zunu, Primeiro-Ministro do Togo,

S. Exas. Srs. Ministros,

Senhoras e Senhores,

É um grande prazer estar aqui no Togo para esta Reunião Ministerial do g7+.

Gostaria de agradecer ao Governo do Togo por organizar esta reunião importante e pela forma calorosa como nos recebeu. É maravilhoso ver aqui tantos Ministros a trabalhar de forma empenhada em prol dos objectivos do g7+.

Esta é a nossa terceira Reunião Ministerial desde a criação do g7+ em Abril de 2010. Podemos todos ter orgulho ao constatar o quanto já avançámos desde o dia em que nos reunimos numa pequena sala em Díli e decidimos que as nossas nações caminhavam sós há demasiado tempo, enquanto outros tomavam as decisões que afectavam o nosso futuro comum.

Hoje caminhamos lado a lado. Partilhámos os nossos contos e as nossas histórias, que passam pela Ásia, África e Pacífico. Embora cada nação seja única, estamos unidos por desafios semelhantes e por um desejo partilhado de contribuir para as discussões sobre a agenda global de desenvolvimento.

O g7+ é actualmente uma voz credível e a nossa visão é aceite em fóruns internacionais, incluindo como é claro as Nações Unidas.

Ninguém melhor do que nós sabe o que significa lidar com conflitos internos ou construir a paz e um Estado num cenário de fragilidade.

Assistimos a progressos emocionantes em alguns países membros do g7+. O povo afegão voltou a dar mostras da sua determinação ao organizar eleições bem-sucedidas, o que constitui um passo importante no fortalecimento do seu Estado. Na Guiné-Bissau, os líderes desta nação atormentada tiveram a coragem de reconhecer os erros do passado e de se comprometer em conjunto em prol de um futuro onde os interesses nacionais estejam acima dos interesses pessoais. Este reconhecimento conduziu a eleições legítimas que desejamos que levem o país a concretizar as suas aspirações legítimas.

Infelizmente porém, alguns dos nossos outros membros continuam a enfrentar grandes desafios.

As vidas dos povos na República Centro-Africana, Sudão do Sul e Somália permanecem ameaçadas pelo conflito e violência diários.

Quando Timor-Leste caiu em situações de crise, por várias vezes, após a independência, senti tristeza e surpresa ao ver o quão rapidamente uma nação se podia desencaminhar.

Em Dezembro do ano passado estive no Sudão do Sul, onde falei de como é difícil construir uma paz duradoura e um Estado forte.

Uma vez mais senti tristeza e surpresa ao constatar como, meras semanas depois, o Sudão do Sul registou a sua própria crise e um surto debilitante de violência.

Dou os parabéns às partes no Sudão do Sul por discutirem o estabelecimento de um governo transitório e por acordarem em pôr a busca pela paz acima de vinganças e divisões.

A situação é também muito preocupante na República Centro-Africana e na Somália. Estou certo de que falo por todas as nações do G7+ quando digo que faremos tudo o que estiver ao nosso alcance para ajudar estas nações a reerguerem-se. Todos nós sobrevivemos a situações de conflito e sabemos o ponto a que as coisas podem chegar. Sabemos também que, com reconciliação, diálogo e compromisso, é possível construir uma paz sustentável.

Irmãos e irmãs,

Enquanto os povos nos nossos países frágeis continuam a sofrer, a elite global dos ricos e poderosos continua a ditar as regras das finanças e da governação a nível mundial.

Vivemos num mundo caracterizado por um sistema financeiro avariado e corrupto, em que o suor e o sangue dos nossos povos beneficiam os super-ricos internacionais. É um mundo em que a divisão nos nossos países ajuda os poderosos a ditar as condições dos pobres, ao mesmo tempo que transferem o seu dinheiro de um lado para o outro a fim de evitar pagar impostos e assim contribuir para o bem-estar humano.

Infelizmente, as elites globais beneficiam do perpetuar da divisão, da intolerância e do ódio.

O mundo actual enfrenta uma grande crise – uma crise de confiança! Esta crise vai desde o fracasso das instituições financeiras internacionais (podemos ver o resultado disto nas eleições para o Parlamento Europeu) ao comportamento político dos poderosos (como vemos no desastre que foi a chamada Primavera Árabe, bem como no que se vai passando na Síria e na Ucrânia).

No nosso mundo subdesenvolvido, a crise é uma crise de liderança! Actualmente a liderança não consiste em ter um líder, mas sim em ter um entendimento nacional e um

compromisso por parte dos homens e das mulheres relativamente aos interesses colectivos do país e às aspirações do povo.

O mundo de hoje precisa mudar, e nós temos sido agentes activos desta mudança!

Saúdo o Presidente Obama pela sua análise política internacional, na qual afirmou que as intervenções militares não deveriam ser a única saída ou a principal opção para os EUA.

Concordo também com o Presidente Obama quando diz que do que o mundo precisa é de uma diplomacia activa com todos os intervenientes.

Nós, os países frágeis e afectados por conflitos, temos de participar com um envolvimento mais activo na resolução dos nossos problemas internos, para que sejamos capazes de ser nos próprios num esforço concertado para mudar o mundo.

Assim, precisamos reconhecer que ninguém excepto nós vai defender os interesses dos povos de países frágeis e afectados por conflitos. Sozinhos não temos voz e podemos ser ignorados, mas juntos podemos falar com legitimidade e credibilidade.

Isto assume uma importância especial, uma vez que o mundo se prepara para decidir a agenda de desenvolvimento pós-2015.

A nossa experiência com os Objectivos de Desenvolvimento do Milénio ensinou-nos que não é possível conseguir progresso e solidez em países frágeis e afectados por conflitos com base numa agenda de desenvolvimento assente em pressupostos gerais e iguais para todos.

Não existe uma grande narrativa de progresso social que funcione em todos os países, independentemente do seu contexto, história ou cultura. Não existe uma solução única, modelo perfeito ou mesmo uma lista de acções que se possam transferir de um país para o outro. Apesar de o foco da agenda de desenvolvimento continuar a mudar, em reconhecimento de cada novo falhanço, a pobreza extrema continua a ser uma realidade... ao mesmo tempo que vemos biliões de dólares gastos em intervenções militares para impor a democracia.

Pode não ser conveniente para algumas instituições globais ou pessoas ou movimentos políticos destacados admitir, mas não podemos atingir os objectivos de desenvolvimento global sem primeiro conseguirmos a paz nos Estados frágeis. E não podemos atingir a paz nos Estados frágeis se o processo de construção da paz não for liderado pelos cidadãos desses próprios países. Esta é a única forma de construir um Estado e desenvolver uma Nação.

Tudo isto não só é perfeitamente claro para nós, como também é comprovado pelos resultados. Até agora não houve um único país frágil ou afectado por conflito a atingir um só Objectivo de Desenvolvimento do Milénio. E embora mais de mil e quinhentos

milhões de pessoas vivam em áreas afectadas por fragilidade, conflitos ou violência criminal organizada, com os conflitos a terem custos humanos, sociais e económicos que irão durar várias gerações, a agenda de desenvolvimento global não está a ser capaz de responder de forma adequada aos desafios existentes nos nossos países.

Os Objectivos de Desenvolvimento do Milénio não deram importância suficiente à questão de chegar às pessoas nos países frágeis – os nossos países – e não reconheceram as consequências devastadoras dos conflitos sobre o desenvolvimento.

Fui convidado a participar numa reunião internacional, a ter lugar em Londres nas próximas semanas, para lutar contra a “violência sexual nos conflitos”.

Embora apoie esta campanha, tenho de dizer que será um desperdício de tempo e dinheiro, uma vez que a causa real do problema é o próprio conflito, a própria guerra, a própria violência.

Se não lidarmos com a verdadeira questão, continuaremos a ver a comunidade internacional a prometer milhares de milhões de dólares para serem gastos em assistência humanitária, sem nunca se chegar a resolver o problema.

Em Março deste ano, no Diálogo de Defesa de Jacarta, desafiei a comunidade internacional a produzir um relatório que determinasse qual o país que está a ser beneficiado com a venda de armas sofisticadas a grupos, milícias e rebeldes.

Deve-se abordar o problema real e não apenas as consequências do conflito.

E este problema é de todos nós – temos de desempenhar o nosso papel e procurar influenciar e ajudar todos os intervenientes a sentar-se à mesma mesa e a ter uma discussão aberta, sincera e honesta, que defenda os interesses dos nossos povos.

Constatámos em Timor-Leste a forma como um conflito disseminado pode apagar anos de progresso de desenvolvimento. Aprendemos também o quanto era importante que os esforços de construção da paz e de construção do Estado fossem orientados pelas realidades do nosso contexto nacional.

É por isto que apelo aos membros da família do G7+ para que trabalhem em conjunto de modo a garantir que a agenda global de desenvolvimento pós-2015 não volta a ficar muda em relação às necessidades e à importância das nações frágeis e afectados por conflitos.

Precisamos assegurar que não somos deixados para trás e que as nossas vozes são ouvidas durante o processo em que o mundo decide a orientação e o foco da agenda de desenvolvimento internacional.

Os novos Objectivos de Desenvolvimento Sustentável propostos, que estabelecem os alvos para os próximos 15 anos, irão determinar a alocação de milhares de milhões de

dólares e o foco dos esforços de desenvolvimento global. É vital que defendamos alvos que possam realmente fazer a diferença para os nossos povos.

Irmãos e irmãs,

Permiti-me por favor concluir salientando a importância de formalizar os acordos do g7+.

Precisamos garantir que temos a força e a capacidade institucionais para trabalhar em conjunto em prol da nossa agenda. Precisamos ser determinados.

O g7+ juntou-nos num espírito de solidariedade, para que possamos falar a uma só voz perante a comunidade internacional. O g7+ dá-nos a oportunidade para participar de forma activa no diálogo global sobre desenvolvimento, o qual tem vindo a ser controlado sobretudo pelas nações doadoras.

Para continuar a procurar e a defender uma agenda independente, num cenário muitas vezes hostil, precisamos da força de uma espinha dorsal institucional. Só com uma estrutura organizacional permanente poderemos ter capacidade para trabalhar de forma adequada e profissional em prol da mudança.

Assim, dou os parabéns e o meu apoio à iniciativa de desenvolver uma carta do g7+ e de trabalhar para institucionalizar o secretariado do g7+.

É deste modo que poderemos verdadeiramente desenvolver e procurar uma nova visão de possibilidades alternativas para a agenda internacional de desenvolvimento e para os nossos países.

Irmãos e irmãs,

Apelo a todos vós para que trabalheis com dedicação e concentração ao longo dos dois dias desta Reunião Ministerial. Precisamos acordar um plano de acção que oriente a agenda futura do g7+ e que garanta resultados para os nossos povos.

Gostaria uma vez mais de agradecer ao Governo do Togo por organizar esta reunião e pela forma calorosa como nos recebeu.

Muito obrigado.

Kay Rala Xanana Gusmão

29 de Maio de 2013